

## INQUÉRITO À ESTRUTURA DAS EXPLORAÇÕES AGRÍCOLAS 2016

Entre outubro de 2016 e março de 2017, a Direção Regional de Estatística da Madeira (DREM), no âmbito do Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas 2016 – operação estatística nacional da responsabilidade do Instituto Nacional de Estatística (INE) – inquiriu uma amostra das explorações agrícolas da Região, tendo sido realizadas 1 064 entrevistas presenciais aos agricultores madeirenses.

Este inquérito, para além de procurar responder às necessidades estatísticas ligadas ao setor agrícola, pretendeu conhecer a estrutura das explorações agrícolas, os sistemas de produção, as práticas culturais, a população agrícola familiar e a mão-de-obra assalariada. Permitiu ainda obter um conjunto de informação relacionada com o desenvolvimento regional, a origem do rendimento do produtor e alguns aspetos relativos à manutenção da atividade da exploração agrícola.

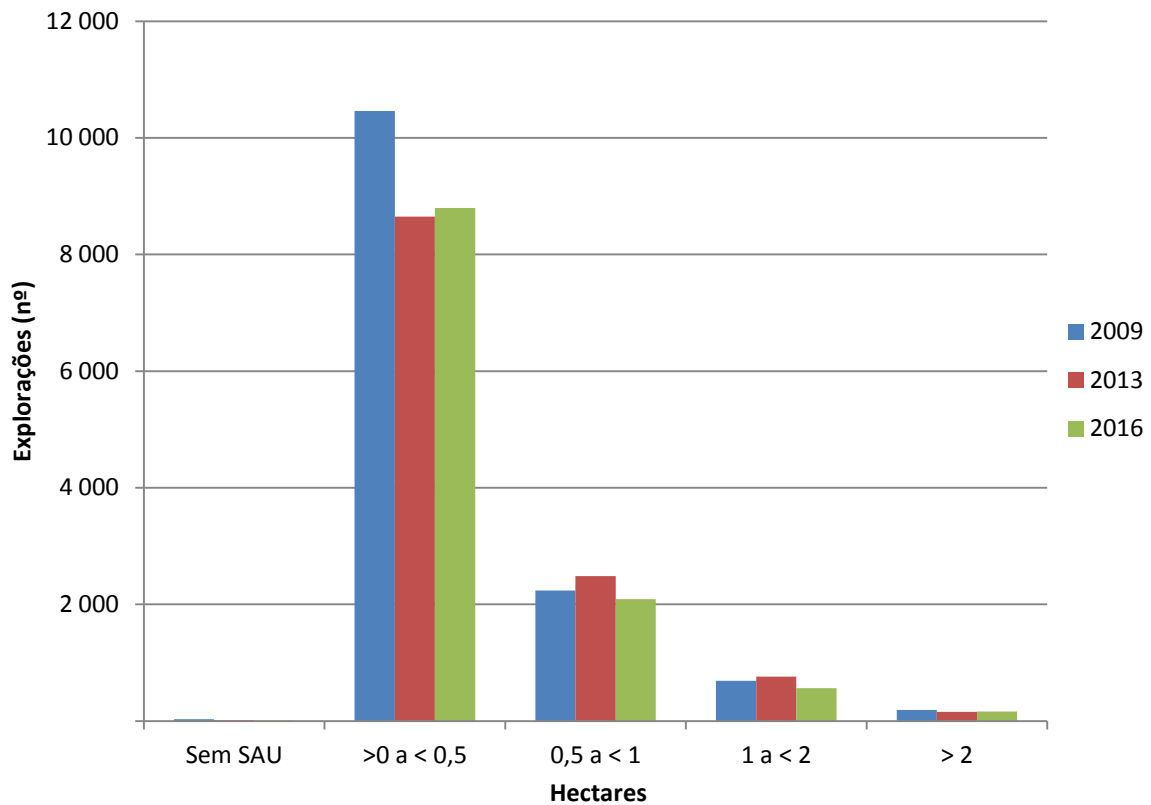
### 1. Evolução do número de explorações e da SAU

Segundo o Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas 2016 (IEEA 2016), a Região Autónoma da Madeira tinha naquele ano, 11 628 explorações e uma Superfície Agrícola Utilizada (SAU) de 4 893,0 hectares (1 hectare = 100 ares = 10 000 m<sup>2</sup>). Comparativamente ao inquérito anterior (IEEA 2013), a redução de explorações foi de 3,6%, enquanto a SAU diminuiu 7,0%. Face ao Recenseamento Agrícola de 2009 (RA09), o número de explorações agrícolas caiu 14,6%, enquanto a SAU decresceu 9,9%. A área média de SAU (calculada pela divisão da SAU pelo número de explorações com SAU que é de 11 617) fixou-se nos 4 212 m<sup>2</sup>, acima da apurada no RA09 (3 997 m<sup>2</sup>), mas ligeiramente inferior à contabilizada no IEEA 2013 (4 365 m<sup>2</sup>).

Como mostra o gráfico abaixo, foi a quebra ocorrida entre 2013 e 2016 nas explorações com uma dimensão entre 0,5 e 2,0 hectares de SAU que determinou a redução global no número de explorações. As classes das explorações mais pequenas e as superiores a 2,0 hectares registaram aumentos face a 2013 de 1,7% e de 5,0% respetivamente.



**Gráfico 1 – Explorações por classes de SAU**



De referir que em 2016, as explorações agrícolas concentravam 9,3% da área total da RAM (10,1% em 2013).

## **2. Dimensão económica e especialização das explorações**

Os dados do IEEA 2016 evidenciam a maior dimensão económica das explorações madeirenses face ao IEEA 2013. Com efeito, apesar de em 2016 75,3% das explorações terem uma dimensão económica inferior a 8 000 euros (muito pequenas), esta percentagem é inferior aos 80,5% de 2013 e aos 85,2% verificados em 2009. As explorações de pequena dimensão passaram a ter maior peso, representando, em 2016, 22,0% do universo de explorações (15,5% em 2013 e 12,9% em 2009). As grandes explorações constituíam 0,4% (o mesmo que em 2013 e 2009) do conjunto, enquanto as de média dimensão diminuíram, passando a representar 3,2% em 2016 do total das explorações (3,5% em 2013 e 1,5% em 2009).

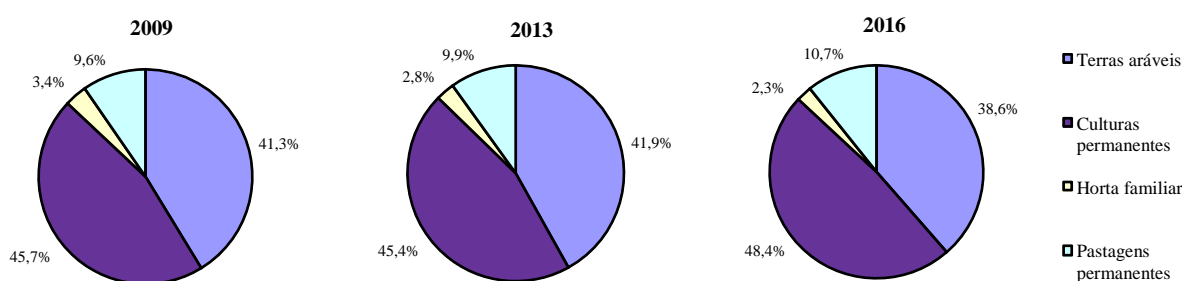
Em 2016, tal como em 2013, 64,5% das explorações da RAM eram especializadas, principalmente em culturas permanentes (31,7%) e em horticultura intensiva e floricultura (21,6%).



### 3. Utilização da SAU

Se de 2009 para 2013, a evolução em termos da repartição da utilização das terras foi pouco notória, a comparação entre 2013 e 2016 evidencia alterações de maior dimensão. A predominância das culturas permanentes (que compreende basicamente as fruteiras e a vinha) acentuou-se, representando em 2016 48,4% da SAU (45,4% em 2013), em detrimento das terras aráveis (onde estão incluídas as culturas temporárias, como por exemplo as hortícolas, a batata e as flores) que caíram de 41,9% em 2013 para 38,6% em 2016. As pastagens permanentes representavam em 2016 10,7% da área total de SAU, ligeiramente mais que em 2009 (9,9%). A horta familiar continua a perder relevância, concentrando em 2016 apenas 2,3% da área de SAU.

**Gráfico 2 – Composição da SAU**



Nas culturas temporárias (1 872,9 hectares, -13,4% que em 2013) há a destacar o acréscimo na área de hortícolas (+11,7% face ao IEEA 2013), que reforçam a sua posição como cultura mais importante dentro do grupo das temporárias, com uma área base de 937,5 hectares. A diminuição da área de batata em cultura extensiva (ou seja, sem estar em rotação com as hortícolas) em 45,2% foi o fator principal que conduziu à redução das culturas temporárias.

Nas culturas permanentes (2 366,5 hectares, -0,9% que em 2013), destaca-se a redução na área contínua de citrinos de 83,6 hectares em 2013 para 75,2 hectares em 2016. Mas foram sobretudo as diminuições de 1,9% face ao IEEA 2013, quer na área de frutos subtropicais, quer na área de vinha, que contribuíram para o decréscimo de 0,9% verificado no grupo das culturas permanentes.



#### **4. Rega**

Em 2016, 86,0% da SAU tinha condições de ser regada caso o produtor o entendesse, uma percentagem superior em 1,3 pontos percentuais à registada no IEEA 2013. De referir que as áreas de pastagens permanentes são aquelas que apresentam menor percentagem de superfície irrigável (18,7%). Nas terras aráveis esse rácio atinge 96,5%.

82,6% das explorações com disponibilidade de rega têm água de rega providenciada pelo sistema coletivo público, sendo que 89,4% beneficiam de água proveniente de uma levada.

#### **5. Efetivos animais**

Em 2016 contaram-se aproximadamente 3 mil bovinos e suínos, cerca de 7 mil caprinos e 5 mil ovinos nas explorações agrícolas da RAM, observando-se uma redução global de efetivos na ordem dos 17,7% face ao IEEA 2013. Refira-se que os animais são contabilizados no dia de passagem do entrevistador.

#### **6. Natureza jurídica do produtor, população agrícola familiar e mão-de-obra não familiar**

Em 2016, a população agrícola familiar na Madeira (constituída pelo produtor agrícola e pelo seu agregado doméstico) era de 35 062, mais 85 indivíduos que em 2013.

Daqueles 35 062, 11 538 eram produtores singulares (e os restantes são, em regra, elementos dos seus agregados domésticos). É este tipo de responsável jurídico e económico que está à frente de 99,2% das explorações agrícolas da Região.

As sociedades constituíam apenas 0,4% do total das explorações da RAM em 2016.

Pela primeira vez, desde que se realizam inquéritos à estrutura das explorações agrícolas, do total de produtores singulares, mais de metade (50,9%) eram mulheres, o que significa que a maior parte das explorações agrícolas madeirenses detidas por produtores singulares são geridas por mulheres. Aquele rácio tem vindo a crescer na RAM; fixava-se em 47,3% em 2009 e em 47,8% em 2013.

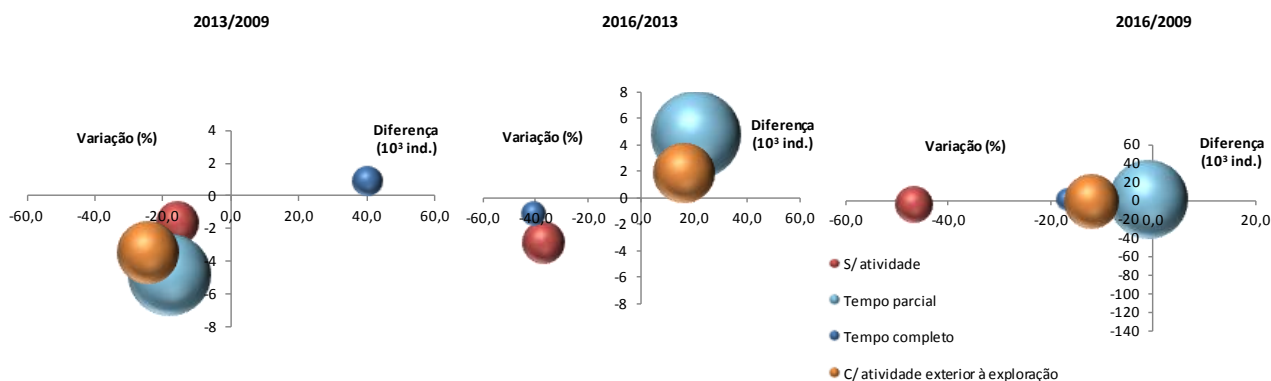
Em 2016, a média de idade dos produtores madeirenses era de 65 anos, mais 4 anos que em 2013, igualando assim a média nacional. Não existiu uma evolução significativa nas habilitações dos produtores agrícolas da RAM entre 2013 e 2016 mantendo-se sensivelmente a percentagem daqueles que não têm nível de instrução (26,6%). Os produtores com ensino básico são os mais representativos (dois em cada três)



enquanto os que apresentam habilitações que abarcam o secundário ou superior não ultrapassam os 7,3% em 2016.

A percentagem de produtores madeirenses que declararam trabalhar a tempo completo nas explorações permanece reduzido (10,1%).

**Gráfico 3 – População e mão-de-obra familiar**



Em linha com estes dados – que traduzem uma vertente da atividade agrícola para além da de complemento do rendimento familiar – está a evolução da mão-de-obra agrícola não familiar.

Em termos das UTA (Unidades de Trabalho-Ano), verificou-se um decréscimo de 15,5% relativamente ao IEAA 2013, comum à mão-de-obra familiar (-15,8%) e à mão-de-obra não familiar (-13,5%). Ainda assim 86,2% das UTA totais ainda advém da mão-de-obra familiar.

## 7. Rendimento do produtor e continuidade da exploração agrícola

Apenas 2,3% dos agregados domésticos dos produtores singulares da Região vivem exclusivamente do rendimento resultante da exploração agrícola, uma percentagem inferior à de 2013 (3,9%). 69,5% dos agregados têm pelo menos um indivíduo que aufer de pensões e/ou reformas (58,5% em 2009 e de 63,5% em 2013).

No que respeita às intenções futuras dos produtores singulares madeirenses em relação à sua exploração agrícola, 96,0% asseguram que continuarão a mantê-la. O complemento ao rendimento familiar é apontado por pouco mais de metade dos produtores singulares (54,2%) como a principal razão para isso. O valor afetivo é referido por 34,6%, enquanto 6,5% declaram não ter alternativa. 4,4% salientam a viabilidade económica da exploração.

